

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhoras e Senhores Secretários,

Venho hoje a esta tribuna para, na qualidade de deputado eleito pelo Círculo Eleitoral do Faial, expressar a minha congratulação com o que se me afigura ser o fim do enguiço do Farol dos Capelinhos.

Segundo José Bettencourt Brum, na sua obra “Coisas da Nossa Terra”, “o estabelecimento de faróis nos Açores era uma necessidade que se impunha, dado o grande número de naufrágios e consequentes perdas de vidas que se vinha verificando”.

De acordo com a ficha técnica constante do livro “Capelo – 400 anos – Livro Mãe”, de Maria Eduarda Rosa e de Al – Zei, em 1881 a construção do farol dos Capelinhos foi incluída no “Plano Geral de Alumiamiento e Balisagem das Costas Marítimas e Portos do Continente e Ilhas Adjacentes”, o qual foi aprovado em 20 de Março de 1883.

Continuando a citar José Bettencourt Brum, “a rede de farolagem dos Açores... contemplava a ilha do Faial com dois faróis: Capelinhos e Ribeirinha”.

O primeiro a ser construído foi o dos Capelinhos, tendo a sua construção começado no dia 18 de Abril de 1894 e a sua inauguração ocorrido a 1 de Agosto de 1903.

Pelo meio, e como nota digna de registo, verificou-se a 30 de Junho de 1901, a visita régia de D. Carlos e D. Amélia e a inauguração, nessa data, do Posto Semafórico.

O edifício era constituído “por uma torre de alvenaria, octogonal, de 34,25 metros de altura da base ao centro do remate da cúpula da lanterna, ladeada pelo Norte e pelo Sul por dois anexos com dois pavimentos, que constituíam as habitações dos faroleiros. A torre era inteiramente revestida de cantaria escura, desde a base até 9 metros acima do solo”.

O primitivo sistema iluminante era composto por uma “lanterna com 2,45 metros de altura na sua parte cilíndrica e terminava em cúpula esférica rematada por uma esfera sobre a qual assentava a grimpa e se elevava a haste do pára-raios.

O aparelho lenticular era constituído por quatro lentes e por um reflector catadióptrico, de rotação e com um sistema de flutuador de mercúrio”.

Nos finais da primeira metade do século passado, mais concretamente a 1 de Novembro de 1942, entrou em funcionamento um novo aparelho luminoso e, mais tarde, a 15 de Julho de 1948, foi instalado um novo aparelho óptico aeronáutico.

Para além disso, o farol dos Capelinhos estava também equipado com um outro edifício, localizado a cerca de 25 metros a sudoeste da torre do farol, no qual estava instalado o equipamento necessário para a emissão

de um “poderoso sinal sonoro, provocado por uma sereia de ar comprimido accionada por um motor a petróleo”, e que era de indiscutível utilidade para a navegação, sobretudo em dias de nevoeiro.

Por outro lado, nos tempos em que os “clipers” da Pan American amaravam na baía da Horta, foi também determinante a ajuda prestada pelo farol dos Capelinhos, já que, “em estado médio de transparência, o seu alcance luminoso era de aproximadamente 25 milhas”.

“A rotação completa efectuava-se em 30 segundos, sendo a luz caracterizada por um grupo de quatro clarões, alternadamente brancos e vermelhos”, com a duração de cerca de 16 segundos, ao que se seguia um eclipse de 14 segundos.

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Secretários,

Todavia, como é de todos sabido, com a erupção do Vulcão dos Capelinhos, ocorrida entre 27 de Setembro de 1957 e 25 de Outubro de 1958, esta esbelta e muito útil construção ficou seriamente danificada, tendo interrompido o seu funcionamento logo a 29 de Novembro de 1957, dois escassos meses após o início da erupção.

Segundo os especialistas, o Vulcão dos Capelinhos terá expelido qualquer coisa como 25 milhões de metros cúbicos de lava, cinzas, areia, traquitos e “lapilli”, parte dos quais contribuiu decisivamente para a destruição do farol, do qual, em determinada fase, apenas era visível parte

da sua torre, uma vez que o resto do edifício se encontrava coberto por cinzas e areia.

Este farol, cuja torre resistiu heroicamente aos efeitos destruidores do vulcão, foi inaugurado, como já referi no início da minha intervenção, a 1 de Agosto de 1903.

Estamos, portanto, a dois meses e meio da celebração do seu 1º centenário, data que será condignamente assinalada.

A 25 de Outubro deste ano completam-se 45 anos sobre o dia que os especialistas consideram ter sido o último dia de actividade do vulcão.

Desde esse já longínquo ano de 1958 muitas foram as opiniões, os palpites, as propostas, as sugestões e os planos que se divulgaram para a zona que é, desde há muito tempo, designada apenas por “Vulcão” e, a avaliar pelo que se tem visto, muito pouco de duradouro foi feito ao longo de quatro décadas e meia.

Este ano, porém, mais concretamente nos finais de Março, eis que surgiu a apresentação pública de um projecto multidisciplinar que engloba um conjunto apreciável de entidades, tais como, a Secretaria Regional do Ambiente, a Câmara Municipal da Horta, a Junta de Freguesia do Capelo, as Direcções Regionais do Ambiente, da Cultura e do Turismo, o Serviço Florestal do Faial, o Observatório Vulcanológico dos Açores e a Associação dos Amigos do Farol dos Capelinhos.

O Senhor Secretário Regional do Ambiente, no decurso da Conferência de Imprensa realizada a 26 de Março deste ano, para divulgação da intervenção no farol dos Capelinhos e área envolvente, começou por caracterizar esta zona como “memória de fenómeno natural ocorrido há quase meio século”, e que se apresenta “hoje unicamente como percurso de uma função (vivência), sem qualquer elemento interpretativo capaz de explicitar o que o olhar capta”.

E, logo mais à frente anunciou que “a transformação do farol e da área envolvente com o intuito de instalar um centro de interpretação, deverá preservar a ruína, recuperar paisagisticamente a zona, sacralizar a imagem actual e proporcionar a compreensão de todas as fases, desde a construção do farol até aos dias de hoje”.

E a terminar a sua intervenção sobre a “refuncionalização” das ruínas do farol, onde se deverão investir nos próximos anos cerca de 1,3 milhões de euros, deu a boa notícia de que “estão em elaboração os estudos de consolidação do farol, o programa museológico e o projecto de arquitectura geral”.

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Secretários,

O Vulcão dos Capelinhos, a que eu, nos meus tempos de guia turístico, carinhosamente chamava de “Vulcão doméstico”, dada a facilidade com que lá se vai, quando comparada com as dificuldades de

acesso a outros vulcões famosos, é indiscutivelmente um ponto de visita obrigatória para especialistas, turistas e visitantes.

Assim sendo, a concretização desta anunciada intervenção tem que ser saudada calorosamente, não só pelo que ela significa de progresso em termos culturais, ambientais, científicos, históricos e económicos, mas sobretudo porque, tal como referi no início da minha intervenção, quebrou-se o enguiço do farol dos Capelinhos.

Também aqui o Governo Autónomo dos Açores, da responsabilidade do Partido Socialista, em conjugação com outras entidades, vai “mudar os Açores”.

Para melhor!

Parabéns por isso!

Horta, Sala de Sessões, 15 de Maio de 2003

Deputado Regional: Renato Luís Pereira Leal